

O sentimento de raiva e a narrativa do protagonista Pedro no filme *Tinta Bruta*¹

João Paulo WANDSCHEER²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Dando seguimento à pesquisa de uma dissertação que estuda homossexualidade e o cinema queer brasileiro, este trabalho tem o objetivo de analisar o sentimento de raiva que marca a narrativa do protagonista Pedro, do longa-metragem *Tinta Bruta* (2018), dirigido por Marcio Reolon e Filipe Matzembacher. Percebemos que a raiva consiste em um dos fatores do filme que acaba por provocar incômodos e ampliar discussões: aspectos recorrentes do cinema queer. Foi possível notar, também, que a emoção contribui para o cinema ser uma forma de compreendermos o atual momento histórico no que se refere não apenas ao enfrentamento de pensamentos e práticas preconceituosas contra homens que se sentem atraídos por outros homens, mas também aos avanços dos movimentos sociais que lutam pelos direitos de indivíduos com identidades de gênero e sexualidades dissidentes.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema Queer; Narrativa; Emoção; Homossexualidade.

INTRODUÇÃO

Dando continuidade a uma pesquisa referente a uma dissertação que estuda homossexualidade e o cinema queer brasileiro, este trabalho consiste em uma análise do sentimento de raiva na narrativa do protagonista Pedro no longa-metragem *Tinta Bruta* (2018), dirigido por Marcio Reolon e Filipe Matzembacher. Utilizaremos como metodologia a análise fílmica, partindo da compreensão de que olhar um filme se torna um ato analítico quando dissociamos “certos elementos do filme para nos interessarmos mais especialmente por tal momento, tal imagem ou parte da imagem ou tal situação”, conforme apontam Aumont e Marie (2004, p. 11).

Nossa atenção estará voltada aos tensionamentos políticos que o sentimento de raiva de Pedro provoca ao longo do filme. Encontraremos embasamento teórico no pensamento de autores como Baecque (2020), Bordwell (2008), Didi-Huberman (2016), Júnior e Colares (2020), Moreno (2001), Pallottini (1989), Quinalha (2022) e Marconi (2017 e 2020). *Tinta Bruta* retrata a espera de Pedro por uma sentença judicial decorrente de uma agressão que ele cometeu contra um antigo colega de faculdade. Pedro costumava sofrer perseguições até que, em uma festa de fim de semestre, ele ouve ofensas e atinge

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação pela UFRGS, email: wjoapaulo@hotmail.com

um estado de esgotamento. Colocando uma chave entre os dedos, Pedro fura o olho do rapaz com um soco.

Pedro era considerado por seus colegas um garoto tímido, antissocial e incapaz de estabelecer vínculos com outras pessoas. Depois de ter seu nome e sua imagem expostos na internet, ele abandona os estudos. Pedro ganha dinheiro realizando performances que envolvem passar tinta pelo corpo e dançar em frente a uma *webcam*. Entretanto, rumores de que havia um rapaz imitando a sua forma de trabalhar o levam até o dançarino Leo: com quem, em vez de competir, acaba estabelecendo uma colaboração. O público, inclusive, aprecia a parceria entre os dois. Eles se apaixonam e a conexão que surge entre os protagonistas de *Tinta Bruta* indica não somente que os antigos colegas de Pedro estavam errados sobre ele, como também que o sentimento de raiva que permeia a narrativa de Pedro apresenta ligação com o preconceito e hostilidade da qual ele era alvo.

A RAIVA DO PROTAGONISTA PEDRO

A análise que iremos construir está baseada nos questionamentos que o longa-metragem provoca. A obra evidencia a gravidade e violência da reação de Pedro, mas aborda também o sofrimento que o fez perder o controle. “E se eu tivesse me matado por causa das perseguições dele? Ele taria aqui?” (01:04:37), questiona o réu à advogada que está cuidando do seu caso. “Não fala isso jamais no tribunal” (01:04:44), imediatamente responde a jurista. O diálogo indica, assim como mencionam Júnior e Collares (2020), que Pedro não se encontra em uma condição restrita de vítima. *Tinta Bruta* vem a ser um filme cuja narrativa não apenas tensiona o preconceito voltado a homens que sentem atração por outros homens, como também nos permite corroborar que o cinema proporciona indícios do atual momento histórico, visto que ele pode ser entendido, conforme descreve Didi-Huberman (2016, p. 35), como uma “imensa história das emoções figuradas”.

Ao longo das últimas décadas, os movimentos sociais que lutam por direitos de grupos minoritários vêm conquistando maior visibilidade e direitos. A indignação e a reação contra o preconceito estão se potencializando. Em relação a indivíduos com identidades de gênero e sexualidades consideradas dissidentes, Quinalha (2022) compreende que existem formas de resistência que se materializam tanto em ações coletivas e movimentos sociais organizados, quanto em existências individuais que confrontam normas de ordem sexual e social. Ganha cada vez mais força também a ideia

de que as diferenças não são motivo de vergonha e sim de orgulho, conforme entende Quinalha (2022). Cresce ainda a notoriedade de filmes que abordam temas como, por exemplo, a homossexualidade. Entretanto, há obras cinematográficas que buscam obter reconhecimento dentro de ordens hegemônicas referentes a gênero e sexualidade, enquanto há outras que acabam por desestabilizar normas vigentes e, como consequência, provocam incômodos. Filmes que estão inseridos em uma pluralidade de possibilidades artísticas que, de acordo com Marconi (2017), compreendemos como cinema queer.

EMOÇÃO E POLÍTICA

A reação de Pedro se revela uma forma de *Tinta Bruta* causar incômodos em relação à hostilidade e à violência motivadas pelo preconceito. A raiva que o personagem sente esteve, inclusive, presente no processo criativo do longa-metragem. Marconi (2020, p. 90) destaca um depoimento do diretor Márcio Reolon no qual o cineasta relata que ele e Filipe Matzembacher foram tomados por um sentimento de indignação na época em que se desdobrava o processo de impeachment que retirou Dilma Rousseff da Presidência da República. As tensões políticas no Brasil e o fortalecimento de grupos conservadores também causaram raiva nos diretores, resultando na construção não somente de uma narrativa marcada pela violência, mas também de um personagem que, conforme descreve Reolon, “não se curva” e “sempre está disposto a revidar”.

O depoimento do diretor corrobora o que Bordwell (2008) afirma sobre a narrativa possuir um caráter social e ser um modo de organizarmos experiências de maneira que elas possam ser compartilhadas. O contexto hostil que configurava, na época, a política brasileira impactou na construção da narrativa de *Tinta Bruta*, e o sentimento de raiva que atravessa o protagonista Pedro está diretamente ligado aos desconfortos e discussões causadas pela obra. Ao longo do filme, contudo, Pedro não se revela um rapaz violento o tempo inteiro. Por exemplo, na festa de despedida de sua irmã, que está se mudando para Salvador depois de conquistar uma vaga de emprego na capital baiana, o volume da música perturba a síndica do prédio, que grita com Pedro quando o encontra no corredor. Sem reagir, Pedro apenas ouve em silêncio as reclamações.

A narrativa de *Tinta Bruta* nos permite perceber que o soco que Pedro deu no antigo colega foi desencadeado pela perseguição que ele sofria na faculdade, bem como pela maneira hostil em que ele era tratado. Pedro também demonstra que pode ser afetuoso quando conhece Leo. Diferentes vetores compõem a existência de Pedro, de

modo que revelam – conforme entende Pallottini (1989) – não somente os conflitos internos do personagem, mas também a sua complexidade na condição de ser humano. Moreno (2001, p. 206) compreende que um aprofundamento dos sentimentos de um personagem proporciona ao tema da homossexualidade um “tratamento humanístico, ajudando e ampliando os debates na sociedade”.

De acordo com Baecque (2020, p. 574), o cinema é composto por um fluxo de emoções que variam entre riso, medo, paixão e gritaria: podendo, inclusive, ocorrer desdobramentos emotivos, que fazem o espectador sentir “as emoções dessas emoções”. A emoção não deixa de tocar também a política. Didi-Huberman (2016, p. 38) aponta que, mesmo não sendo possível fazer “política efetiva apenas com sentimentos, tampouco é possível fazer uma boa política desqualificando nossas emoções”. Demonstrar emoções vem a ser um ato menosprezado socialmente e entendido como um sinal de fraqueza: uma concepção que gera nas pessoas, inclusive, um medo de estar se expondo ao ridículo, compreende Didi-Huberman (2016). Contudo, as emoções nos causam questionamentos e, caso sejam transformadas em pensamento e ação, podem vir a promover transformações no mundo, ressalta o autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com uma narrativa permeada pelo sentimento de raiva, *Tinta Bruta* não propõe reações violentas como forma de enfrentar o preconceito. O filme, na verdade, aborda essa emoção que passa por Pedro como um modo de levantar questionamentos acerca das diferentes formas de violência que compõem a homofobia. A obra retrata a gravidade da reação de Pedro, mas ressalta que o soco que ele deu no antigo colega de faculdade está atrelado aos atos violentos cometidos por quem exerce opressão. A narrativa do personagem causa provocações e amplia debates.

Através dos incômodos provocados pelo cinema queer, o caráter social da narrativa se torna mais evidente, bem como se potencializa a compreensão de que os processos criativos que envolvem uma obra cinematográfica podem estar interligados aos contextos políticos da contemporaneidade. Conectada à política, a emoção propicia, em *Tinta Bruta*, indícios sobre o atual momento histórico não apenas em relação ao combate a pensamentos e práticas preconceituosas contra homens que se sentem atraídos por outros homens, mas também aos avanços de movimentos sociais que lutam pelos direitos de indivíduos com identidades de gênero e sexualidades dissidentes.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A Análise do Filme**. Lisboa: Edições Texto&Grafia, 2004.

BAECQUE, Antoine de. Rir, chorar e ter medo no escuro. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; e VIGARELLO, Georges. **História das Emoções – Do final do século XIX até hoje**. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 574 – 603.

BORDWELL, David. **Poetics of cinema**. Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que Emoção! Que Emoção?**. São Paulo: Editora 34, 2016.

MARCONI, Dieison. Diferenças estéticas e dissidências políticas nas representações LGBT do cinema brasileiro contemporâneo. In: FREITAS, Ernani Cesar de Freitas; SARAIVA, Juracy Assmann; HAUBRICH, Gislene. **Diálogos Interdisciplinares: Cultura, Comunicação e Diversidade no Contexto Contemporâneo**. Novo Hamburgo: Feevale, 2017, p. 293 - 304.

_____. **Ensaio sobre autorias queer no cinema brasileiro contemporâneo**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

JÚNIOR, Luis Celestino de França; COLLARES, Regiane Lorenzetti. Tinta Bruta: a arte queer do fracasso e a luz dos vaga-lumes no cinema. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v.9, n. 2, p. 1 – 20, 2020.

MORENO, Antônio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2001.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia – construção do personagem**. São Paulo: editora Ática, 1989.